

# Inflação, o grande problema no ano eleitoral

Assim que a taxa de inflação de fevereiro foi divulgada, atingindo a marca dos 6,8% — a maior nos últimos 11 meses —, uma pergunta passou a ser obrigatória em todas as entrevistas que o ex-ministro Mário Henrique Simonsen se dispusesse a dar: "Onde vai chegar a inflação neste ano de 1982?"

E Simonsen, hoje diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas, já tinha uma resposta pronta. Disse que "esta é uma questão que depende fundamentalmente de como o governo administra os seus gastos e a política monetária".

— Nos dois primeiros meses deste ano, as taxas de inflação foram muito elevadas — comentou o ex-ministro. Mas isto é normal, pois nestes meses sempre há uma forte concentração de reajuste de preços administrativos. Por isto esta taxa acumulada de 13,6% não pode servir como indicador para a taxa média do ano. Assim como os 3,8% de junho do ano passado, que indicaram uma moderação de preços anormal.

Prever o índice de inflação em um ano era coisa que Simonsen já não gostava de fazer quando era ministro. Hoje, completamente desligado do governo, ele se recusa terminantemente a fazer qualquer estimativa. Diz simplesmente que "não tem bola de cristal e nem a administração de nenhum destes instrumentos". Outro assunto que o professor evita é comentar sobre os fatores que provocam a inflação. Responde que já falou muito sobre isto, que é um assunto "muito batido".

Mas admite que o fator fundamental está nos gastos públicos, que normalmente são bem mais altos em anos eleitorais. Perguntado sobre como o governo pretende conciliar suas necessidades de investir no

voto e conter os gastos, Simonsen respondeu:

— O governo tem de optar entre abrir ou fechar as comportas. Em 1978, por exemplo, o presidente Geisel instruiu-me para que cuidasse de controlar ao máximo a política monetária, a inflação e o balanço de pagamentos, que ele próprio cuidaria das eleições sem me pedir dinheiro. E a Arena fez a maioria na Câmara e no Senado, sem que fosse necessário acelerar a inflação ou a expansão monetária.

Segundo os técnicos da Fundação Getúlio Vargas, a inflação de fevereiro é fortemente marcada pela alta do Índice de Custo da Construção, resultado dos reajustes salariais. Mas o aumento do Índice do Custo de Vida e o Índice de Preços por Atacado também pesaram. No Índice de Custo de Vida, a alimentação teve um papel importante nesta alta. Os aumentos mais significativos foram registrados nos preços do frango — a maior alta —, do pão, nas massas, no café em pó, no feijão preto e nas refeições em restaurantes e lanchonetes.

Para chegar à conclusão de que o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) relativo ao mês de fevereiro foi de 6,8%, a Fundação Getúlio Vargas pesquisou famílias de rendimento mensal entre um a cinco salários mínimos, residentes nas regiões urbanas de dez áreas metropolitanas. E mesmo assim, o presidente da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Fibge), Jessé Montello, embora confie nos resultados apresentados pela Fundação Getúlio Vargas, acha que "nossas estatísticas ainda são muito precárias, como em todo o mundo". Mas ele vê progressos. E concorda que o INPC ainda é o melhor índice para aferir a inflação, embora ela seja medida apenas ao nível de consumidor.